

Estudo comparativo da automedicação praticada por estudantes dos cursos das áreas de Ciências da Saúde, Humanas, Exatas e Sociais da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC

Comparative study of the self-medication among students from the areas of Health Human, Exact and Social Sciences from Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC

Recebido em: 01/03/2015

Aceito em: 06/06/2015

Marli Adelina SOUZA¹, Bruna HOELLER¹, Everley Rosane GOETZ²

¹Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC. Avenida Castelo Branco, 170 - Universitário, CEP 88509-900, Lages, SC, Brasil. ²Universidade Federal de Santa Maria -UFSM. Av. Roraima nº 100, Cidade Universitária, Bairro Camobi, Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: mas2souza@gmail.com

ABSTRACT

The aim of this work was to research and analyze questions related to the habit of self-medication among students from Medicine, Engineering, Pedagogy and Law from UNIPLAC. It was verified the prevalent drugs used as self-medication and if the self-medication was due to the level of stress that the undergraduate course may cause. Also, if students justify the self-medication by the need of help for a good performance in the studies. The study was observational, transversal and descriptive with the participation of 121 students. The instrument to collect data was a closed questionnaire. Most of the participants was females, presenting an age around 28 years old, with familiar income above four minimum salaries. 71% of these students considered their undergraduate course is stressing, being Medicine the most stressing and Law the least one. With respect to the self-medication, from the four undergraduate courses analyzed, Law and Engineering showed the same perceptual of 39% of self-medication while Medicine shows 40% and Pedagogy 63,6%. Vitamins were the most cited medicine used, followed by the anxiolytics and anti-depressives.

Keywords: self-medication, undergraduate students, stress

RESUMO

O estudo teve por objetivo pesquisar e analisar o hábito da automedicação entre estudantes dos cursos de Medicina, Engenharia Civil, Pedagogia e Direito da UNIPLAC, verificando além da prevalência da automedicação, o uso desta prática devido ao nível de estresse que cada curso proporciona e as classes dos fármacos, justificando o uso como auxiliares para um bom desempenho nos estudos. O estudo caracterizou-se como observacional, transversal, descritivo, no qual 121 estudantes foram entrevistados. Utilizou-se como instrumento para a coleta de dados, um questionário fechado. A predominância foi do sexo feminino, a média de idade foi de aproximadamente 28 anos, renda familiar acima de quatro salários mínimos. Foi verificado que 71,1% dos estudantes consideraram seu curso estressante, sendo o curso de Medicina considerado o mais estressante e o de Direito, menos estressante. Com relação à automedicação, a partir dos quatro cursos analisados, alunos de Direito e Engenharia Civil apresentaram a mesma percepção de 39%, 40% na Medicina e na Pedagogia 63,6%. As vitaminas foram os medicamentos mais utilizados, seguidos de tranquilizantes e antidepressivos. Tais resultados são sugestivos da necessidade de informar à população sobre o uso correto e seguro de medicamentos.

Palavras chave: automedicação; estudante. estresse

INTRODUÇÃO

A automedicação é a condição em que o paciente faz o uso de medicamentos, sem prescrição do médico, odontólogo ou farmacêutico e, portanto, sem indicação ou supervisão médica (1). Mesmo que os medicamentos usados sejam de venda livre, não são isentos de riscos. Cabe contextualizar que há casos em que a própria realidade, apoiada em normas legais, impõe ao usuário a necessidade de automedicação, que pode ser realizada de forma responsável ou irresponsável. No entanto, o ato de automedicar-se pode trazer prejuízos à saúde como reações de hipersensibilidade, dosagem ineficiente ou excessiva, iatrogenia, alteração do padrão evolutivo da doença, mascarar ou agravar doença de base, dependência medicamentosa, entre outros (2).

Os medicamentos são um dos principais agentes causadores de intoxicação em seres humanos no Brasil, ocupando, desde 1994, o primeiro lugar nas estatísticas do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas – Sinitox. Nos últimos cinco anos, segundo o Ministério da Saúde, foram registradas, no Brasil, quase 60 mil internações por intoxicação medicamentosa. No ano de 2010, foram internadas 27.710 pessoas, por intoxicação medicamentosa e, em 2013, foram registrados 430 destes casos em Mato Grosso do Sul (3).

Para Loyola Filho (2002) é preciso ressaltar que os chás, xaropes, ervas entre outras receitas caseiras também devem ser considerados, ainda que não industrializados, remédios e como tal deve ser tomado os devidos cuidados pois também podem trazer prejuízos à saúde e se tornar uma outra forma de automedicação, em que as pessoas não se dão conta dos riscos e danos que estes podem trazer (4). O tema da automedicação demonstra sua relevância nos espaços de formação de profissionais da área da saúde, tema este que tem despertado interesse. Diante dessas considerações, este estudo teve como objetivo verificar a prevalência da automedicação e as motivações relacionadas ao hábito da mesma entre estudantes dos cursos de Medicina, Engenharia Civil, Pedagogia e Direito da UNIPLAC.

MÉTODO

Trata-se de um estudo com delineamento transversal, utilizando a técnica de entrevista, com estudantes dos cursos de Medicina, Engenharia Civil, Pedagogia e Direito da UNIPLAC.

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de um questionário estruturado junto a 121 estudantes, distribuídos entre quatro cursos das áreas do conhe-

cimento: 30 estudantes das Ciências da Saúde – curso de Medicina; 28 das Ciências das Exatas – Engenharia civil; 33 das Ciências das Humanas – curso de Pedagogia; e 30 de Ciências Sociais – curso de Direito. O período da aplicação dos questionários foi de junho a novembro de 2011, com estudantes maiores de 18 anos, que cursavam desde o segundo semestre em diante, de uma amostra casual simples, com partilha proporcional correspondente a cada curso, para comparar opiniões e informações adquiridas entre os diferentes anos e semestres dos cursos, atingindo estudantes de ambos os sexos.

As atividades da pesquisa foram desenvolvidas considerando os preceitos éticos estabelecidos na Resolução 196/96 (5). O questionário estruturado foi submetido aos estudantes mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). O projeto foi aprovado pelo Comitê de ética em Pesquisa com seres Humanos (CEP) da UNIPLAC número 23-11.

Os testes utilizados para o cálculo das variáveis foram: a estatística descritiva, observada pela distribuição de frequências; investigações das características das variáveis em estudo, associadas ao consumo de medicamentos, utilizando-se o teste qui-quadrado para verificar diferenças de proporções, com nível de significância $p < 0,05$; análise bivariada, empregando como medida de efeito a razão de prevalência e seus respectivos intervalos de confiança. Foi adotado o programa Estatístico SPSS 20.0 para a realização das análises quantitativas.

RESULTADOS

Foram aplicados 121 questionários, sendo 33 no curso de Pedagogia, 30 no curso de Direito, 30 no curso de Medicina, e 30 no curso de Engenharia Civil (deste último, apenas 28 responderam ao questionário).

Do universo de 100% de estudantes, 9,1% cursavam o segundo semestre; 19% o quarto semestre; 14,9% o quinto semestre; 24,8% o sexto semestre; 1,7% o sétimo semestre; 14,9% do oitavo semestre; 9,1% do nono semestre, 1,7% do décimo semestre; 2,5% do décimo segundo semestre.

No quesito idade, uma pessoa preferiu não responder esta questão. Sendo assim, os 120 estudantes entrevistados apresentaram a média de idade de 28 anos e 9 meses.

Em relação ao gênero dos participantes, a maior parte dos entrevistados foram mulheres totalizando 63,6%, sendo então 36,4% dos entrevistados homens.

Pode ser observado que o universo feminino foi superior, especialmente relacionado ao curso de Ped-

gogia, pois dos 33 participantes, apenas um estudante era do sexo masculino, sendo uma variável importante, pois no curso de Pedagogia da UNIPLAC, há maior demanda de procura pelas mulheres, ficando os demais cursos pesquisados em certo equilíbrio entre homens e mulheres.

Segundo dados do Censo da Educação Superior, coletados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o número de mulheres que ingressam no ensino superior supera o de homens. O percentual médio de ingresso de alunas, até 2013, foi de 55% do total em cursos de graduação presenciais. Se o recorte for feito por concluintes, o índice sobe para 60%. No último ano do decênio, do total aproximado de 6 milhões de matrículas, 3,4 milhões foram de mulheres, contra 2,6 milhões do sexo oposto. O INEP confirma ainda que essa forte presença feminina está mais atrelada aos cursos de humanas (6).

Quanto à renda familiar dos estudantes, os dados descritos na Tabela 1 mostram que 1,7% não responderam à pergunta; para 5,8% a renda foi de até um salário mínimo; 10,7% até dois salários mínimos; 10,7% até três salários mínimos; 10,7% até quatro salários mínimos; 60,3% mais de quatro salários mínimos. Dessa forma, pode ser observado que a maioria dos estudantes, sendo 73 deles (60%), possuía renda familiar maior que quatro salários mínimos.

Tabela 1 - Distribuição de frequência quanto à renda familiar dos estudantes da UNIPLAC, participantes da pesquisa (n=121)

Renda familiar	Frequência (%)
Menos de 1 salário mínimo	2 (1,7)
1 salário mínimo	7 (5,8)
De 1,1 a 2 salários mínimos	13 (10,7)
2,1 a 3 salários mínimos	13 (10,7)
3,1 a 4 salários mínimos	13 (10,7)
Mais de 5 salários mínimos	73 (60,3)
Total	121 (100)

No que se refere ao item plano de saúde, 55,4% dos estudantes responderam que possuem plano de saúde e 44,6% não. É possível que esta variável, onde parte significativa dos entrevistados desta pesquisa não tinha plano de saúde, tenha contribuído para que, em alguns dos casos, os entrevistados optassem por se automedicarem ao invés de procurarem um profissional da área médica, odontológica ou farmacêutica para orientá-las, pois, algumas delas

acabavam optando por não recorrer aos sistemas de atendimento público de saúde.

Silva et al. (2012) afirmaram que a automedicação é frequente entre indivíduos de baixo nível econômico, mas não é exclusiva destas classes sociais. Um estudo recente apontou que vem crescendo o consumo de medicamentos entre a população de maior poder aquisitivo e com maior nível de escolaridade (2). Entretanto, vale destacar que pode ser considerado o grau de instrução geral dos participantes desta pesquisa seja satisfatório, todavia, o que tem que prevalecer nas análises não é apenas o grau de instrução geral, mas, especialmente, o grau de consciência sobre os riscos da automedicação.

Outro fator considerado relevante por esta pesquisa e que pode estar associado ao uso de medicação sem prescrição médica, refere-se ao nível de estresse ocasionado pelo curso frequentado pelos acadêmicos. Quando questionados se julgavam o curso estressante, a maioria (71,1%) afirmou que consideravam seu curso estressante. Por outro lado, 28,9% responderam que o curso não era estressante. Pode ser percebido que esta é uma variável que deve ser analisada, uma vez que a maioria dos estudantes revelou que considera o seu curso como desencadeador do estresse e isto pode ter levado à prática da automedicação.

Na Tabela 2, onde estão mostradas as variáveis dos cursos separadamente, pode ser observado que 83,3% dos estudantes de Medicina julgaram o curso estressante. No curso de Engenharia Civil, 82,14% afirmaram que o curso era estressante. Na Pedagogia 63,63%, e no Direito o percentual foi de 56,66%.

Tabela 2 - Distribuição de valores absolutos de participantes da pesquisa que consideraram o curso de graduação estressante (n=121)

Curso	Sim	Não	Total
Medicina	25	5	30
Engenharia Civil	23	5	28
Pedagogia	21	12	33
Direito	17	13	30
Total	86	35	121

Diante desses fatos, foi possível verificar que o curso em que um maior número de estudantes avaliou como estressante foi a Medicina, em contrapartida, Direito foi o curso no qual um menor número de estudantes atribuiu estresse relacionado ao curso. Os dados anteriores chamaram a atenção para uma variável considerada de relevância nesta pesquisa: o

fator do estresse do curso relacionado ao hábito da automedicação.

Franco et al (2009) observaram que em todos os cursos de graduação por ele investigado, independente da área de conhecimento e do ano em questão do curso, o resultado da prática da automedicação foi significativo (7). Também Santos et al. (2012), mostraram que a automedicação não é restrita aos leigos, mas é uma prática bastante difundida entre os profissionais da saúde, sendo enfermeiros e médicos os mais propensos à dependência de algumas medicações por terem livre acesso às mesmas (8).

Do total pesquisado foi verificado que 68 estudantes (56%) afirmaram que nunca fizeram uso de qualquer medicação como recursos auxiliares de performance nos estudos. Entre os estudantes que utilizaram medicamentos como recursos auxiliares do estudo 15,7% afirmaram já ter feito uso de vitaminas; 13,2% de tranquilizantes; 14,4% de antidepressivos; 11,6% de ansiolíticos; 10,7% de reguladores do sono; 9,9% de reguladores do apetite; 2,5% de anfetaminas e 3,3% já fizeram uso de outro tipo de medicamento, sendo que o estudante poderia assinalar mais de um tipo de medicamento que fez uso.

Dessa forma, foi possível observar que a classe de medicamentos mais utilizada foi a das vitaminas, seguido dos tranquilizantes, antidepressivos, ansiolíticos, reguladores do sono, reguladores do apetite. O menos utilizado foi a classe das anfetaminas. Todavia, há que se considerar que algumas destas medicações foram utilizadas quando os estudantes se encontravam em situações de estresse e recorreram a elas para alívio da sua condição de saúde. Assim, a relação entre a automedicação e o estresse causado pelo curso, que parte dos entrevistados afirmou vivenciar, pode em determinadas situações e com as devidas proporções, ser confirmada.

Na Tabela 3, que ilustra o modo como o estudante adquiriu o medicamento sem prescrição, pode ser verificado que 23 estudantes não responderam, possivelmente por nunca terem feito uso de algum dos medicamentos. O total de 89 estudantes (77,4%) afirmou não ter praticado a automedicação.

Para os demais participantes, que afirmaram se automedicar, os medicamentos foram obtidos da seguinte maneira: 13,9% em farmácias, 5,2% de parentes e amigos, 1,7% de intermediários e 0,9% reutilizaram receitas antigas. Por meio dos dados coletados foi possível perceber que dos 121 estudantes, 25 deles (21,7%) praticaram a automedicação de medicamentos considerados recursos auxiliares de estudo.

Tabela 3 - Distribuição de frequências das respostas dos participantes da pesquisa relacionadas à aquisição do medicamento sem prescrição (n=121)

	Frequência (%)
Não utilizavam medicação	23 (19,0)
Não adquiriu sem prescrição médica	66 (54,5)
Adquiriu com parentes e amigos	6 (5,0)
Adquiriu em farmácias	16 (13,2)
Adquiriu por meio de intermediários	2 (1,7)
Reutilizou medicamentos	1 (0,8)
Total	114 (95,0)
Não responderam	7 (5,0)
Total	121 (100)

No entanto, em uma pesquisa recente realizada com uma amostra de 223 estudantes dos cursos da área de saúde de uma universidade pública do Município do Recife (PE), foi verificado que 65,5% dos entrevistados confirmaram o uso de medicamentos nos últimos 15 dias que antecederam a entrevista, sendo que 42,3% o fizeram por meio de prescrição médica e 57,7% por automedicação (9).

Na presente pesquisa, quanto à ocorrência de reações adversas ao automedicar-se, 31,5% afirmaram que a automedicação melhorou o desempenho no curso de graduação ou prova. Nenhum estudante assinalou que a automedicação piorou o desempenho no curso e 0,9% sentiu alguma reação adversa. Assim, apesar de ser baixo o percentual de entrevistados que tiveram reações adversas ao uso de medicamentos neste estudo, isto não pode ser desconsiderado, pelos efeitos nocivos que podem acarretar. No estudo de Santos et al. (2012), sobre os riscos da automedicação, foi relatado que a reação adversa ao medicamento pode ser qualquer evento que seja nocivo ao indivíduo e não intencional, que ocorreu na vigência do uso de um medicamento com utilidade terapêutica em doses normalmente recomendadas. A automedicação tanto das classes de medicamentos industrializados como o uso de medicamentos fitoterápicos – que no conceito de muitos de usuários são inofensivos à saúde e não têm contraindicações – são conceitos equivocados e que precisam ser superados (8).

Quando indagados sobre os fatores que influenciaram a automedicação (Tabela 4), do total de 121 estudantes, 45,5% não responderam a esta questão provavelmente porque nenhum dos fatores apresentados no questionário influenciou sua automedicação. Para os demais, fatores que influenciam a automedicação as respostas foram distribuídas em profissionais de saúde

(20,2%), familiares (16,8%), televisão (4,2%) e outros fatores (12,6%)

Tabela 4 - Distribuição de frequência acerca de fatores que influenciam na automedicação dos participantes da pesquisa (n=121)

	Frequência (%)
Nunca se automedicou	55 (45,5)
TV	5 (4,1)
Familiares	20 (16,5)
Profissionais de saúde	24 (19,8)
Outros	15 (12,4)
Total	119 (98,3)
Não responderam	2 (1,7)
Total	121 (100)

Maciel e Neto (2010), afirmaram que, no consumo de medicamentos, uma gama complexa de fatores e motivações pode influir, inclusive de ordem psicológica ou estética, associada a valores predominantes na sociedade, o que torna tal problemática difícil de ser solucionada, pois, não é determinada por um único fator (9).

Outro aspecto que se procurou evidenciar por meio desta pesquisa foi o uso de receitas médicas antigas. Nas análises, foi verificado que 86,8% dos estudantes não reutilizaram receitas médicas, enquanto 13,2% que reutilizaram receitas médicas obtidas em outros momentos.

Foi possível observar que, paralelamente aos efeitos benéficos, os problemas relacionados ao uso de medicamentos são um risco à saúde com gravidade igual ao cigarro, álcool, sedentarismo e outros males. Os medicamentos são considerados a quarta causa de morte prevenível no mundo, tanto devido à carência de acesso, quanto à falta de efeito e aos efeitos maléficos desses produtos (11). Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), a maneira mais eficaz de melhorar o uso de medicamentos na atenção primária em países em desenvolvimento é a educação e supervisão dos profissionais de saúde, a educação do consumidor e a garantia de acesso adequado a medicamentos apropriados (12).

Para conscientizar os profissionais da saúde e população sobre os riscos da automedicação, o Ministério da Saúde por meio da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos elaborou um manual técnico "Uso racional de medicamentos", propondo uma ferramenta de ensino para auxiliar esses profissionais e usuários na atenção primária nacional (13). Outra ação do Ministério da Saúde, foi a criação do Dia Nacional do Uso Racional de Medicamento. A data 05 de maio serve

para alertar a população sobre os riscos à saúde causados pela automedicação. O objetivo é ressaltar o papel do uso indiscriminado de medicamentos e a automedicação como principais responsáveis pelos altos índices de intoxicação por medicamentos (14).

Quanto ao comprometimento da renda mensal com medicamentos (tabela 5), 56,2% dos estudantes afirmaram que não tiveram gasto mensal com automedicação. Sendo assim, 33,1% gastaram menos de 50,00 reais; 7,4% de 50 a 100,00 reais; e 3,3% mais de 100,00 reais mensalmente com automedicação.

Tabela 5 - Distribuição de frequência quanto ao gasto mensal dos participantes com automedicação (n=121)

	Frequência (%)
Nunca se automedicaram	6 (5,0)
Não tem gastos	62 (51,2)
Menos de R\$ 50,00	40 (33,1)
Entre R\$ 51,00 e R\$ 100,00	9 (7,4)
Mais de R\$ 100,00	4 (3,3)
Total	121 (100)

Esses resultados mostram que cerca de 1/3 dos entrevistados teve gastos superiores a cinquenta reais, mensalmente, com automedicação. Isto, considerando-se a renda familiar de alguns deles, pode ser tomado como um investimento significativo, onde os praticantes preferem gastar por conta própria para cuidar da saúde ao invés de se dirigirem a um profissional que os orientaria de modo adequado.

Quanto aos quatro cursos analisados, Direito e Engenharia Civil mostraram o mesmo número de praticantes da automedicação, 11 estudantes. O curso de Medicina teve 12 estudantes. Como justificativas para o uso de medicamentos foram citadas que se automedicaram devido aos compromissos com os estudos, para maior concentração e melhorar o desempenho no mesmo, ansiedade, sono, estresse. Ainda, um estudante de medicina justificou que não praticava a automedicação, pois achava que os benefícios desses medicamentos não superavam os malefícios.

O curso de Pedagogia mostrou uma realidade mais preocupante. Dos entrevistados, 21 deles praticaram a automedicação. Este curso tem quase o dobro de usuários de medicamentos por conta própria, em comparação com os demais. Como justificativas para o uso de tais medicamentos, os entrevistados afirmaram se automedicar devido ao nervosismo quando não conseguiam dar conta de algum trabalho de aula, por não conseguir dormir e ter muita dor no corpo. Afirmavam ainda, que os

sintomas não eram derivados somente do curso em si, mas devido à vida corrida, aliada aos estudos, ser uma sobrecarga. Tal realidade vem ao encontro dos resultados obtidos por Lopes et al. (2014), onde os cursos que obtiveram maior percentual de estudantes que se automedicavam não foram os cursos da área da saúde e sim os cursos de Administração e Engenharia Civil, nos quais todos os estudantes entrevistados se automedicaram (15).

Em relação aos cursos de Medicina, Pedagogia, Engenharia Civil juntamente com o curso que de Direito, cujos alunos apresentaram o menor índice, foi possível perceber a prática da automedicação por parte dos estudantes da UNIPLAC. Vários outros estudos confirmam tal prática, indicando que os estudantes dos cursos de graduação realizam a automedicação (2,6-8,13-15,17). Schiffman e Kanuk (2000) observam que o estudo do comportamento do consumidor sobre a automedicação, no ambiente acadêmico, é relativamente recente. Iniciou-se em meados da década de 1960 e, segundo os autores, teve como impulso inicial a necessidade dos gerentes de *marketing* em saberem as causas e os fatores específicos envolvidos no comportamento dos consumidores (16).

Nesse sentido, Carneiro (2008) defendeu que entrar no espaço acadêmico pode fornecer dados sobre o processo de aprendizagem dos consumidores acerca das influências internas e externas que os impulsionam a agir da maneira como agem na prática da automedicação (17).

No estudo de Alves e Malafaia (2014), realizado no Estado de Goiás, 68,3% dos estudantes disseram já ter usado medicamentos sem orientação médica, tendo sido observado elevado percentual, principalmente entre os estudantes dos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas (95%), Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (86,7%), Tecnologia em Irrigação e Drenagem (80%) e Bacharelado em Medicina Veterinária (80%). Os autores concluíram que a automedicação é um problema importante no âmbito dos cursos superiores goianos, e não se restringe aos universitários ligados apenas às áreas médicas e/ou biológicas (18).

CONCLUSÃO

Os presentes resultados confirmaram a importância do estudo da automedicação, pelo qual pode ser observado que essa prática é frequente entre universitários, não estando restrita aos estudantes da saúde, devido ao maior conhecimento dos medicamentos, mas abrange todas as áreas do conhecimento. Mesmo com um número menos expressivo de participantes, o estudo contribuiu para promover a discussão sobre o tema e dessa forma pode provocar autorreflexão sobre o uso indevido de medicamentos. Reforça-se ainda, a necessidade de informar a população e comunidade universitária sobre o uso adequado de medicamentos.

A partir destas afirmativas, faz-se necessário que novas pesquisas epidemiológicas sejam aplicadas com o intuito de aferir e investigar a automedicação, e dessa forma produzir intervenções no sentido de alertar o público universitário acerca dos riscos associados à automedicação, com vistas a evitar que o uso indiscriminado de medicamentos se amplie nas Universidades. Nesse sentido, campanhas internas nas universidades, difusão de folders e cartilhas informativas de alerta sobre tais riscos, assim como um incentivo à busca por recursos mais adequados de enfrentamento do estresse no ambiente acadêmico, dentre estes, destacam-se os exercícios, a psicoterapia e a ampliação da rede social de apoio são intervenções interessantes.

Enfim, o uso abusivo de medicamentos, ainda configura uma realidade que precisa ser modificada no cotidiano das Universidades, na perspectiva não só de atender às regulamentações, mas de interferir positivamente na vida e na saúde dos estudantes e consequentemente na experiência profissional pós Universidade.

AGRADECIMENTOS

O estudo foi financiado pela Bolsa Iniciação Científica – Artigo 170 da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), em parceria com o Governo do Estado de Santa Catarina.

REFERÊNCIAS

1. Rey L. Dicionário de termos técnicos de medicina e saúde. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan AS, 2003.
2. Silva RCG, Oliveira MT, Casimiro ST, Vieira KAM, Tardivo MT, Faria Jr M, Restini, CBA. Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. *Rev Med (Ribeirão Preto)* 2012; 45 (1): 5-11. DOI:10.11606/issn.2176-7262.v45i1p5-11.
3. SINITOX. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Rio de Janeiro. 2013 [acesso em 07 abr 2015]. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/sinitox>.
4. Loyola Filho AI. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. *Rev Saúde Pública.* 2002; 36(1): 56-57.
5. BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.
6. INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília 2009. [Acesso em 7 abr 2015]. Disponível em: <http://www.inep.gov.br>.
7. Franco IS, Rangel MP, Mella Junior, SE. Avaliação da automedicação em universitários. In: *Anais do IV Encontro Internacional de Produção Científica.* 2009. Maringá: Centro Universitário de Maringá; 2009.
8. Santos B, Souza LG, Delgado NM, Torres WO. Incidência da automedicação em graduandos de enfermagem. *J Health Sci Inst.* 2012; 30 (2):156-159.
9. Maciel ABR, Neto Filho MA, Tiyo R. Automedicação. *UNINGÁ Review.* 2010; 5 (4):7-10.
10. Brandão A. Programa Nacional de Segurança do Paciente: um sopro de esperança. *Pharmacia Brasileira* nº 88. 2014 jan.fev.mar; 31-39.
11. Ferracini FT, Borges Filho WMB. *Prática Farmacêutica no Ambiente Hospitalar.* São Paulo: Atheneu; 2005.
12. WHO. Medicines: rational use of medicines. World Health Organization. Fact sheet nº 338. May 2010. [Acesso em 08 abr 2015]. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs338/en/print.html>.
13. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. *Uso racional de medicamentos: temas selecionados / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos – Brasília: Ministério da Saúde, 2012.*
14. Portal Brasil. Saúde: 5 de maio: Dia Nacional do Uso Racional de Medicamento. [Acesso em 05 de mai 2015]. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/saude/2015/05/5-de-maio-dia-nacional-do-uso-razional-de-medicamento>.
15. Lopes WFL, Coelho MRO, Oliveira JP, Araújo YMO, Melo MCN, Tapety FI. A Prática da automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Teresina-Pi. *Rev. Interd.* 2014; 7(1):17-24.
16. Schiffman LG, Kanuk LL. *Comportamento do consumidor.* 6 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.
17. Carneiro SD. *O Comportamento do Consumidor: um Estudo Sobre as Crenças na Automedicação [Dissertação].* Pedro Leopoldo (MG). Faculdades Integradas de Pedro Leopoldo; 2008.
18. Alves TA, Malafaia G. Automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Goiás. *ABCS Health Sci.* 2014; 39(3): 153-159. DOI: 10.7322/abcshs.v39i3.649.